

DANÇAR NO BRASIL É RECONHECER-SE MESTIÇO OU UMA *ESCRITA CRÍTICA* SOBRE O ESPETÁCULO "ARTÉRIAS - QUANDO SE PERDE O NORTE" (SP)

Joubert de Albuquerque Arrais

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Dança, mestiçagem cultural, escrita crítica.

Como na frase do escritor brasileiro Mário de Andrade, que diz "sou um tupi tangendo um alaúde" (apud Gruziski: 2001, 23), reconhecer-se mestiço é admitir uma procedência de múltiplas culturas, de um processo evolutivo que possibilita confronto de mundos e a complexificação de situações. Vários saberes em um só, um todo orgânico como resultante de novas conexões e outros aprendizados. Pois a mestiçagem – cultural, e não somente a racial – revela uma estreita relação entre cultura e biologia, onde a comunicação é dupla e fluida. Ambigüidade e fluidez que não é fusão, onde os elementos, aparentemente contraditórios, transformam-se em um só, "fundidos". Muito menos é troca, onde há transferência, permuta onde suas estruturas não se alteram. “Os elementos opostos das culturas em contato tendem a se excluir mutuamente, eles se enfrentam e se opõem uns aos outros; mas, ao mesmo tempo, tendem a se interpenetrar, a se conjugar e a se identificar” (BELTRÁN *apud* GRUZISKI, 2001:45).

Coevolutivamente, a *mestiçagem* é aquilo que, trazido de fora, modifica a estrutura de quem recebe, e vice-versa. As culturas diferentes experenciam coisas distintas e singulares que circulam e promovem contaminações num processo *transitório* e *circunstancial* de assimilação. A respeito disto, afirma KATZ (2005: 08): "As diferenças não se desfazem, ao contrário, elas enriquecem o processo de contágio que regula os fluxos de informação entre corpos e seus ambientes [de relações e conexões]". Logo, as dicotomias tradicional / contemporâneo; natureza (humana) / cultura e colonizado / colonizador tendem a se aproximar, possibilitando-nos entender que, segundo DOMENICI (2004), uma dança dita popular é uma estratégia evolutiva que nasce da brincadeira, do lúdico e da sobrevivência. Justamente para fortalecer a hipótese de que dançar no Brasil é reconhecer-se mestiço e, especificamente, para apresentar uma *escrita crítica* sobre o espetáculo paulista "Quando se perde o norte", da Cia. Artérias (2003, SP).

Diante do exposto, a mais essencial das indagações é se há realmente um pensamento mestiço. Os indícios vêm de muito tempo atrás, onde a mestiçagem já acontecia. Não tem esse caráter de novidade como se observa atualmente em escala mundial. É um fenômeno banal, corriqueiro na nossa história de "colonizados". Na América, o pensamento, em sua essência, já é gerado na forma mestiça, ou seja, a partir disso, daquilo, daquilo outro, daquilo acolá. Estamos mergulhados num número bem maior de variáveis. Já no Novo México foram "quatro séculos de enfrentamentos entre invasores europeus e sociedades indígenas, nos quais se misturaram colonização, resistências e mestiçagens". (GRUZISKI, 2001:15). Uma vez mantido o silêncio preconceituoso de uma colonização ferrenha ou certas inocências e equívocos, nunca se diz habitualmente que "este branco é um mestiço", e sim que "este negro, ou este índio, é mestiço" (DOMOULIÉ, 2006) .

O mais instigante nessa discussão é perceber que, ao mesmo tempo em que se trata o fenômeno das chamadas misturas culturais como existente e incontestável, este é reduzido a fruto da globalização, banalizado pela associação de criaturas e formas, sob o slogan publicitário e oportunista de que “todas as culturas são híbridas”, logo, impalpável por não pretender ir além dos modismos e do discurso evasivo das grandes mídias. O que faz a idéia "mistura" ser perigosa, quando associada simploriamente à mestiçagem. Enfatiza rótulos de mercado e trata como "exóticos" os povos contaminados, de fato, pelos processos históricos da colonização a que foi submetida a América Latina. Tem a ver com o primeiro século de colonização européia e os arquétipos paradisíacos de feição insular, existência de ouro e nudez dos nativos (ZIEBELL, 2002). Ou com uma "ilusão de diversidade mantida contra tudo e todos, e até mesmo a tradições construídas ou reconstruídas de forma artificial" (GRUZISKI, 2001:17), de acordo com a lógica do *melting pot* (fusão) da *World Culture*. Que falar de mestiçagem é se referir diretamente ao colonialismo, à classe e opressão sociais, à exploração econômica e à lógica do capitalismo.

A dança, quando entendida como ação cognitiva do corpo, é também resultante dessas relações de poder, contrariando muitos que optam em tratá-la como uma atividade de contemplação estética. Por conta disso, temos como um bom iniciador de diálogos, a respeito da mestiçagem evidenciada no corpo que dança no Brasil, o espetáculo *Artérias – Quando se perde o norte*, da Cia. 2 Nova Dança (Núcleo Artérias - SP). Nesta pesquisa artística, os elementos da chamada cultura popular brasileira diluem-se na concepção coreográfica, sem ser emblemático, muito menos ilustrativo. O grupo tem por abordagem corporal um estudo das funções físicas do movimento, onde se respeita a anatomia de cada corpo e se explora a singularidade que emerge de cada dançarino, eles próprios como agentes do processo de criação.

Nos 50 minutos de apresentação, há uma comunicação fluida das e entre as propostas de cada dançarino-improvisador como *sub-sistemas* que se conectam e formam um todo coeso, dinâmico e instável, com variados níveis de estabilidades. Quer dizer, cada intérprete é uma parte que cria condições de existência para si próprio na relação com o outro, sugerindo, deixando rastros propositivos. Quando todos juntos, constroem uma organicidade que se configura como uma poética mestiça de mosaicos e frestas que denuncia a relação entre dominação, resistência e resignação. Com isso, enfraquece a engessada premissa de uma autenticidade de raízes que rotula a dança por uma suposta matriz identitária que determinaria o samba como nossa dança (a Brasileira); o Can can como a Francesa; o tango, a Argentina; o flamenco, a Espanhola, para citar alguns.

O próprio nome do espetáculo sugere tal organicidade mestiça: uma dança como organismo vivo, onde circulam diversas informações em confrontos que complexificam situações individuais e coletivas, fortalecendo o caráter relacional do argumento coreográfico. Pode-se remeter ainda à analogia do nome *Artérias*, que são os vasos que conduzem o sangue do coração a todas as partes do corpo (anatomia humana); ou a grande via de comunicação urbana de veículos (sentido conotativo). São informações que circulam, confrontando-se, adaptando-se, num diálogo possível. Segundo

BELTRÁN (*apud* GRUZISKI, 2001), elementos opostos de culturas distintas, quando colocados em confronto, passam por um estranhamento excludente e oponente entre si, como também por uma mútua interpretação que os aproxima. Quer dizer, há a possibilidade de um *embricamento*, em paralelo aos elementos *postigos*, não assimilados e desconectados, logo, facilmente identificáveis e sem relação com o todo. “As diferenças não se desfazem, ao contrário, elas enriquecem o processo de contágio que regula os fluxos de informação entre corpos e seus ambientes” (KATZ, 2005: 08).

Não ficando na mera analogia, o subtítulo *Quando se perde o norte* mostra-nos detalhes do argumento coreográfico. Os elementos ditos mestiços, vindos de diferentes referências, “perdem o norte” quando não mais os identificamos ilustrativamente. Ao invés disso, podemos percebê-los como pontos de partida para a composição e o desenvolvimento da(s) dança(s), que se “perderam” a cada *reorganização* dos intérpretes – sozinhos, com os outros, com os objetos, em rede, em conexão. A metáfora – mais que uma figura de linguagem, e sim um processamento mental evidenciado no corpo (LAKOFF; JOHNSON, 2002) – sugere que as informações, uma vez colocadas e percebidas no corpo que dança, desnor-teiam e se desnor-teiam, desorientam e se desorientam.

O contato com elementos do chamado folclore e aspectos da cultura afro-brasileira e indígena promoveu contaminações na criação dos movimentos, cuja ênfase está na *historicidade* de cada corpo que dança, configurando-se artística e corporalmente como uma zona intersticial de freqüentes entradas e saídas (BHABA, 1998; KATZ, 2003). Que aquilo trazido de fora modifica a estrutura de quem recebe, e vice-versa, num processo de integração entre *auto-referências* e a *referências-do-outro*, em *co-existência*. Pois “o mais importante é não confundir aquilo que se experimenta com a experiência de estar experimentando” (KATZ, 2003: 268). Tudo diluído na coreografia, partindo da inter-relação da *fisicalidade* dos corpos com a *materialidade* dos objetos, mas que pulsa-questionando o que dançam: “é frevo?”, “é capoeira?”, “é samba?”, “é funk?”, “é reisado?”...

Um confronto evolutivo de transformação, pela arte e pela dança, de onde surgem novas e outras epistemologias, numa relação coevolutiva. Que é importante para que possamos compreender melhor o que realmente está implicado nos fenômenos mestiços e o que estes auxiliam à dança. Principalmente, no reconhecer-se mestiço no *corpo que dança* na contemporaneidade [1].

NOTAS

1 Boa parte das discussões presentes no artigo em questão foi construída na disciplina Danças Populares – Padrão em evolução, ministrada pela profa. Dra. Eloísa Domenici (PPGDança / UFBA), durante o semestre 2006.1, como também durante a monitoria realizada por mim, na mesma disciplina, no semestre 2007.1.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
DOMENICI, Eloísa L.. A pesquisa das danças populares brasileiras - reflexões 2004 (texto de apoio didático), 2004.

- DOMOULIÉ , Camille Marc. Arte da capoeira e ideologia da mestiçagem. In: Revista Continente Multicultural, ano VI, nº 64, mês abril, 2006.
- GRUZISKI, Serge. *O pensamento mestiço*. Tradução: Rosa Freire d'Águiar. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.
- KATZ, Helena. *Um, dois, três. A dança é o pensamento do corpo*. Belo Horizonte: FID Editorial. 2005.
- KATZ, Helena . Dançar no Brasil: vistos de entrada, mestiçagem e controle de passaportes (*mimeo*), 2005.
- KATZ, Helena. A Dança, pensamento do corpo. In: *O Homem-máquina: a ciência manipula o corpo / org.:Adauto Novaes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. pp. 268.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP : EDUC; Mercado das Letras, 2002.
- ZIEBELL, Zinka. *Terra de Canibais*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.